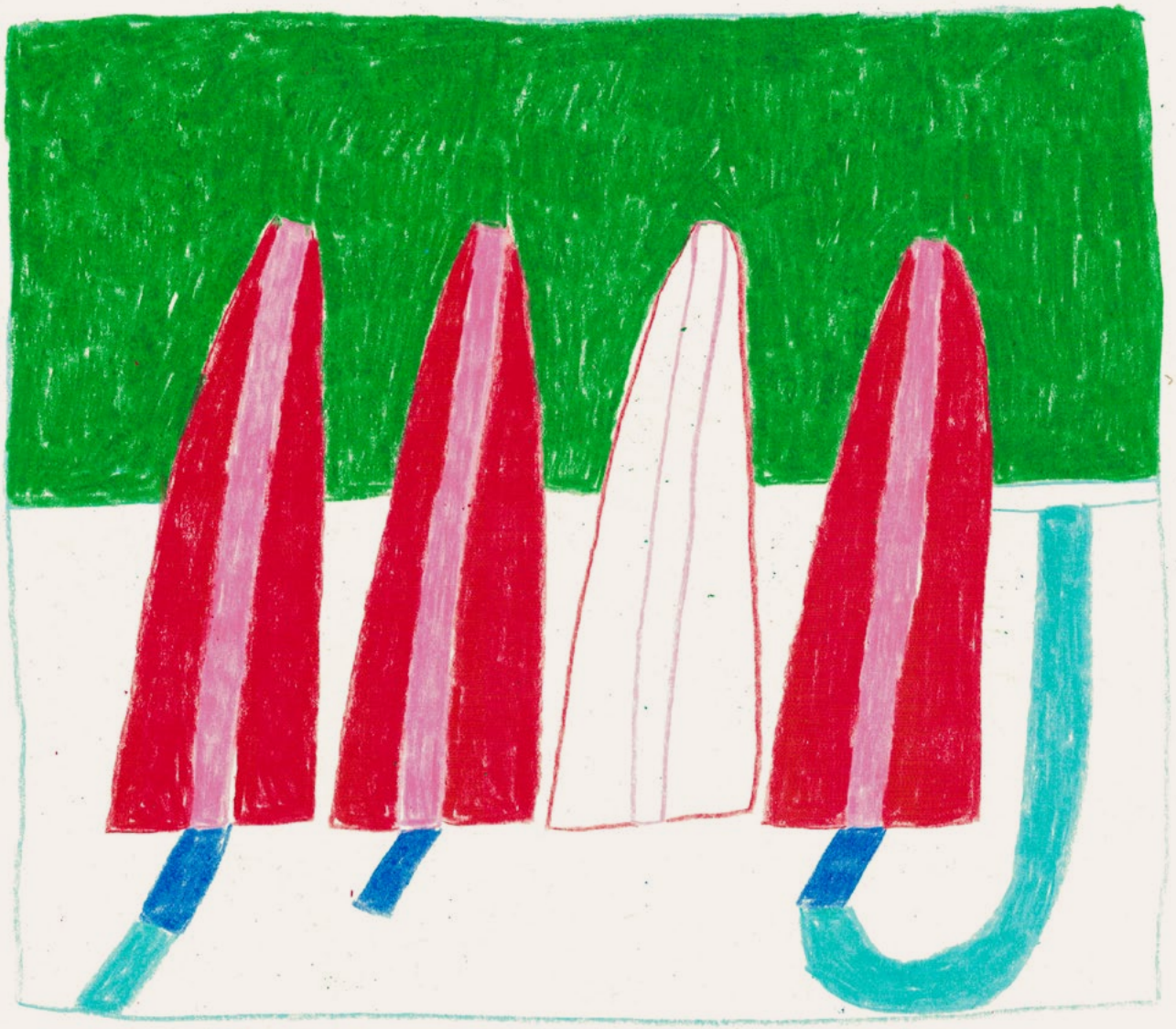
Caderno de Leituras n.166 | 2023

Vamos buscar o que é nosso — reflexões sobre caminhar



María Cruz

Tradução de Clara Delgado

Nota da editora

O texto em espanhol – “Vamos a buscar lo que es nuestro. Reflexiones sobre caminar” – foi publicado no *Periódico de Poesía*, da Universidade Nacional Autônoma do México (Unam), em 23 de maio de 2022 e está disponível em: https://periodicodepoesia.unam.mx/texto/vamos-a-buscar-lo-que-es-nuestro/

Vamos, então! Vamos sair ao ar livre,
vamos buscar o que é nosso, por mais distante que esteja.
Hölderlin

Caminhar será sempre um ato de recomeço, uma espécie de regresso à origem. Caminho porque quero caminhar; encontrar-me e encontrar no caminho uma resposta que não virá pela cabeça, e sim pelos pés. Caminhar é um ato antigo e, no entanto, é sempre algo novo, desconhecido, porque seu ensinamento se revela passo a passo, sem que seu objetivo seja nos deixar uma lição. Quando caminho, sou eu mesma; é minha oportunidade de estar comigo e de inventar uma rota pessoal. Caminhar se parece com o ato de criação porque o caminho também aponta sugestões de direção e encontros. Aquele que caminha deve estar disposto a se abrir. Sem forçar a abertura, as névoas da mente parecem se dissipar ao caminhar: o movimento tem, no seu princípio de agitação, a alegria. Nada agrada mais ao corpo do que a vibração da caminhada; ao ativar-se, se ativa a existência inteira. Os pensamentos abrem suas comportas e saem, não tentam escapar; e sim praticam uma dança livre, novas associações começam a se criar. Trata-se da imaginação. Caminhar para imaginar. Se por acaso existirem nós internos de esgotamento mental ou emocional, o balanço dos passos vai desatando esses emaranhados e traz o inusitado: talvez ideias, criações, fantasias ou simplesmente bem-estar, uma curiosidade recém-lançada que, conforme avança, também cresce. Ao caminhar se está sozinho, e não se está porque alguém que caminha se sente acompanhado pelo que está ao redor; se for em um ambiente

natural, o canto dos pássaros, o som do vento, ecoam o caminhante e na cidade os estímulos são infinitos, irrompem com mais contundência. Tudo o que é vital tem uma linguagem, e a caminhada, por princípio, provoca o confrontar-se a si. Se o corpo se sente confortável, enérgico, ele se expressa assim; se se sente indisposto, cansado, a caminhada se altera. É possível conceber uma caminhada reta ou sinuosa ou só deixar que os pés decidam. No México se diz: "*ir adonde apunte el huarache*".[1] Ou como disse Wajdi Mouawad: "É durante o trajeto que a flecha inventa o seu alvo. Ou seja, é preciso caminhar para conhecer sua identidade e seu destino." E sim, a caminhada dá algo mais que prazer: oferece um encontro e, quem sabe, um destino. Caminhar é um convite para que a mente não decida tudo. O racional está incluído, mas não é o centro porque a totalidade está em movimento e o movimento desperta as nuances, as sutilezas, as entrelinhas da percepção ativa.

Todo ato considerado feito na vida moderna precisa de um contrapeso. No contrapeso está a poesia do mundo. As comodidades que nos são oferecidas dia a dia estão envenenadas, cheias de exigências. Trocamos comodidade por liberdade e, por fim, não temos nenhuma delas. Ao contrário, cada ato que parece facilitar a vida acaba complicando-a, tornando-a pesada. Por isso, ações simples se tornam uma conquista, porque dependem do que temos de mais próximo e preciso: o corpo. Se perdemos o fundamental, teremos perdido a nós mesmos. Não temos momentos de ócio, de contemplação, de ações mínimas que recuperem a atenção de estar aqui. Talvez por tudo isso caminhar continue sendo um ato desafiador, contracorrente do maquinal, da produção; contracorrente também da hiperatividade, porque, para caminhar, é preciso ter tempo disponível, de sobra, sabendo que não se trará para casa um retorno utilitário. A metáfora do caminhar se associa à vida: um lançar-se por

1 *Huarache* é uma das peças mais populares da indumentária mexicana, uma sandália plana feita de couro trançado ou de lona. [N. T.]

caminhos inesperados, uma predisposição à aventura e à descoberta do imprevisível.

Caminhar implica a não fragmentação, a união de partes dispersas que, no entanto, mudam sua estrutura com o movimento. Como a mudança causada quando se agita um caleidoscópio, assim as cores e as formas constroem uma nova estrutura dentro do caminhante e jogam com ela sem parar. A lucidez aparece e não é de estranhar que se pareça com a embriaguez; esta, aparentemente contraditória, se torna uma festa interna, o amor à vida reaviva seu fogo antigo, o choque entre as pedras primitivas que faz ressurgir uma faísca. A caminhada lembra esse ato e produz felicidade; trata-se de um chamado da natureza que nos pede para abandonar temporariamente a casa e nos arriscar, o mínimo que seja. O exterior tem vozes encantadoras. Caminhar ativa em nós o encontro dos quatro elementos da natureza: além do fogo já nomeado, somos água que se agita ou se acalma; ouvimos as mensagens do ar circundante, de nossa respiração; e nossos pés se lembram a cada passo da comunicação com a terra, mesmo que ela esteja coberta de asfalto – aderir a ela, ressoar na terra, traz satisfação e rumores de nós mesmos.

Para os solitários, sempre será melhor caminhar sozinho porque a experiência se aprofunda; a atenção não se divide por uma conversa que exigiria concentração. O eco da caminhada ressoa fundo em quem a pratica. Outras são as caminhadas feitas em companhia que podem ser deliciosas se o interlocutor for a pessoa mais indicada para tal. Jorge Luis Borges expressou isso muito bem em "Ulrica" (1975):

> Ulrica me convidou para a mesa dela. Disse-me que gostava de sair para caminhar sozinha.
>
> Lembrei de uma brincadeira de Schopenhauer e respondi:

– Também eu. Podemos sair os dois juntos.[2]

Claro que na caminhada importa o lugar aonde se vai. A nós, moradores das cidades, não nos resta mais do que a urbe, com suas áreas verdes escassas que quase nunca estão próximas. Enfrentar os caminhos na cidade não é fácil, e esquivar dos perigos implica uma tensão que pode ser prazerosa, quando se tem certa destreza. O pedestre é pouco respeitado nas ruas cheias de carros e de possíveis assaltantes. A floresta ou o campo oferecem outras incertezas e, talvez, outros perigos. A questão é que quem caminha, além de enriquecer seu mundo interior, deve estar em alerta sem que isso impeça de desfrutar.

No início de seu livro *Infância em Berlim por volta de 1900* (1950), Walter Benjamin escreve sobre caminhar pela cidade: "Saber orientar-se numa cidade não significa muito. No entanto, perder-se numa cidade, como alguém se perde numa floresta, requer instrução. Neste caso, o nome das ruas deve soar para aquele que se perde como o estalar do graveto seco ao ser pisado, e as vielas do centro da cidade devem refletir as horas do dia tão nitidamente quanto um desfiladeiro."[3]

Esta citação funde as diversas experiências do caminhar. Perder-se passa a ser um aprendizado necessário para que tudo ao redor do caminhante se comunique com ele em sua linguagem diversa. Caminhar, então, se torna uma espécie de diálogo aberto, uma conversa ao ar livre – o ar livre como metáfora de uma circulação diferente das ideias ou como uma conversa entre as memórias, o silêncio, a percepção fresca das coisas, a bem-aventurança do corpo, os estímulos ao redor. Na caminhada há um dínamo que é sempre novo; por isso ela nunca se torna tediosa,

2 BORGES, Jorge Luis. "Ulrica". In: *O livro de areia*. Trad. Davi Arrigucci Jr. São Paulo: Companhia das Letras, 2017. [N. T.]

3 BENJAMIN, Walter. *Obras Escolhidas II*. Trad. Rubens Rodrigues Torres Filho e José Carlos Martins Barbosa. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1993. [N. T.]

porque sua simplicidade convida a nudez a vestir-se e o que está vestido a desnudar-se. Quer dizer, a caminhada despe o caminhante daquilo que não é necessário, de suas preocupações e lhe dá algo mais, vestindo-o com o insólito, com aquilo que se oferece como uma potência.

Ao caminhar, a animalidade e o humano se unem. Talvez nos tornemos centauros: a sensação de alerta, a presença dos músculos ativos e da respiração que se torna ritmo produzem uma energia poderosa, pronta para o que vier, para caçar pensamentos ou ideias. E o que vem são, sobretudo, as ondas internas, a secreção do ser que encontra a maneira de se expressar sem nenhuma aspereza. Os caminhantes tornam-se flexíveis e porosos. A constituição do corpo muda temporariamente. Não existe outro objetivo a não ser vagar: andar por aí é o itinerário improvisado que renova seu desafio a cada passo; o convite que, como uma pergunta, coloca um ponto de interrogação e deixa por isso mesmo. Até o que se aprende é questionado quando se caminha; o que se sabe ganha um estado de plasticidade que se deixa observar por muitas perspectivas e âmbitos. Henry David Thoreau compartilha uma anedota no seu livro *Andar a pé* (1861): "Quando um viajante pediu à criada de Wordsworth para mostrar-lhe os estudos do amo, ela retrucou: 'Eis aqui sua biblioteca, mas os estudos, ele os faz na rua.'"[4]

O conhecimento é oferecido durante a caminhada como um presente vivo, ora apreensível no momento e, às vezes, como um prazer que vem depois, porque o formigamento no corpo continua depois dela. Mesmo quando se chega em casa, a agitação ainda percorre as veias e os músculos. Caminhar produz ressonâncias. A mente agradece pelos estímulos que formam um material fértil com possibilidades de uma elaboração consequente (ou não), porque também pode restar só o simples agradecimento de ter sacudido a existência com o balanço do caminhar. Caminhar

4 THOREAU, Henry David. *Andar a pé*. Trad. Sarmento de Beires e José Duarte. Fonte digital, 2003. [N. T.]

é ver com clareza e é dançar por dentro com a música que cada um de nós entoa, a sintonização dos órgãos internos com a toada exterior, o poder de se ritmar com o entorno sem perder o tamborilar oculto e secreto.

A caminhada é associada aos hábitos saudáveis, mas há algo mais. A intenção que busca um resultado também importa. Há caminhadas que são oferecidas como um sacrifício ou pagamento de uma dívida, como acontece em certas celebrações religiosas. Há as caminhadas obsessivas daqueles que enlouqueceram por alguma razão, como Travis, o protagonista do filme *Paris-Texas* (1984), de Wim Wenders, cujo vigor parece excessivo; ou o personagem de "O homem na multidão" (1840), de Edgar Allan Poe. As peregrinações coletivas são ondas inspiradas por um propósito comum ou uma veneração compartilhada. Assim, as caminhadas feitas por migrantes têm objetivos comuns, ilusão de bem-estar e troca. É provável que toda caminhada seja sustentada por um sonho, às vezes individual, às vezes social. Mas talvez a caminhada mais frutífera seja a que sustenta a si mesma sem propósito aparente, a caminhada não domesticada, selvagem, que não sabe o que busca e, sem buscar, se ilumina ao primeiro passo. Como se a palidez de um corpo estático se cobrisse de cores ao se movimentar e nascesse assim uma percepção que desobedece às conformações. Sobre isso, Rumi disse: "Como a onda, somos engendrados por nós mesmos/ mas, para contemplar nosso eu interior, caminhamos." A caminhada nos salva dos clichês. Sua lei é o movimento e seu pêndulo ampara quem caminha para não se ancorar em uma única ideia. Escrever se parece com caminhar; é escrevendo que se escreve. Existir se parece com caminhar: é vivendo que se vive, se aprende, mas para nada disso é possível desenhar uma fórmula.

Caderno de Leituras n. 166 | 2023

Vamos buscar o que é nosso – reflexões sobre caminhar
Vamos a buscar lo que es nuestro. Reflexiones sobre caminar
María Cruz

Edição
Maria Carolina Fenati

Tradução
Clara Delgado

Revisão da tradução
Florencia Guzzetti

Preparação de texto
Maria Carolina Fenati

Revisão
Andrea Stahel

Projeto gráfico
Luísa Rabello, Rita Davis

Imagem da capa
Dolores Orange

Coordenação da coleção
Luísa Rabello, Maria Carolina Fenati

Composto em Acumin Pro e Georgia

ISSN 2764-3301

Edições Chão da Feira
Belo Horizonte, agosto de 2023

Esta e outras publicações da editora
estão disponíveis em www.chaodafeira.com